

Leia o texto a seguir.

CAPÍTULO CXXVII

O BARBEIRO

Perto de casa, havia um barbeiro, que me conhecia de vista, amava a rabeca e não tocava inteiramente mal. Na ocasião em que ia passando, executava não sei que peça. Parei na calçada a ouvi-lo (tudo são pretextos a um coração agoniado), ele viu-me, e continuou a tocar. Não atendeu a um freguês, e logo a outro, que ali foram, a despeito da hora e de ser domingo, confiar-lhe as caras à navalha. Perdeu-os sem perder uma nota; ia tocando para mim. Esta consideração fez-me chegar francamente à porta da loja, voltado para ele. Ao fundo, levantando a cortina de chita que fechava o interior da casa, vi apontar uma moça trigueira, vestido claro, flor no cabelo. Era a mulher dele; creio que me descobriu de dentro, e veio agradecer-me com a presença o favor que eu fazia ao marido. Se me não engano, chegou a dizê-lo com os olhos. Quanto ao marido, tocava agora com mais calor; sem ver a mulher, sem ver fregueses, grudava a face no instrumento, passava a alma ao arco, e tocava, tocava...

Divina arte! Ia-se formando um grupo, deixei a porta da loja e vim andando para casa; enfiei pelo corredor e subi as escadas sem estrépito.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Câmara dos Deputados. CEDI. Edições Câmara. Brasília. 2017.

1. Como sabemos, a narrativa mostra uma sequência cronológica de ações: indique dois processos utilizados pelo autor do texto para indicar a passagem do tempo.
2. Como indicado no próprio texto, o narrador passa por um momento “agoniado”; mostre uma referência no texto que indica uma visão negativa do narrador e justifique.
3. Toda narrativa parte de um fato desencadeador, que motiva o relato. Nesse caso, qual o fato desencadeador da narrativa?

GABARITO

A questão vale 20 pontos

Item 1 - Formas verbais no pretérito perfeito; o advérbio de tempo “logo” e “agora”. O pretérito imperfeito tem valor descritivo, não indicando sequência cronológica; os gerúndios do texto equivalem ao pretérito imperfeito, de valor descritivo;

Item 2 - “e não tocava inteiramente mal”, “o favor que eu fazia ao marido” – visão negativa do músico e considerar a audiência como “favor” e não como prazer;

Item 3 - Executar uma peça musical que provocou a parada do narrador e a sucessão de fatos a seguir. O fato narrativo inicial é o do narrador ter parado para ouvir o barbeiro (pretérito perfeito “parei”).

A seguir encontra-se um fragmento do pronunciamento do Senador Afonso Arinos de Mello Franco em uma das sessões da Assembleia Constituinte de 1988; nele foram inseridos proposadamente, em função dos objetivos da questão, 10 erros de expressão escrita da Língua Portuguesa.

“A Constituinte foi eleita em novembro de 1986 e instalada em fevereiro de 1987. Em junho desse ano, foi criada a Comissão de Sistematização (....). Aos admiráveis e dedicados membros dessa Comissão coube o preparo final do projeto da Constituição, concluído no mês de novembro e remetido ao Plenário, que o discutiu, enriqueceu, e finalmente o aprovaram, por consagrada maioria. Cumpre realçar, finalmente, a colaboração direta do povo no processo político, (....), assim também pela ação de grupos variados de brasileiros, que atuavam diretamente: sindicatos, empresários, militares, professores, mulheres, índios e negros. Era estimulante e comovente sentir a mobilização direta do povo desejoso de colaborar na obra de seus representantes.

Srs. Constituintes, concluída está vossa tarefa preferencial, mas outro dever se abre ao seu cuidado e esforço. Este dever indeclinável é sustentar a Constituição de 1988, apesar de quaisquer divergências com sua feitura; é colaborar nas leis que a tornem mais rapidamente e mais eficazmente operativa, apesar das dificuldades referidas; é colaborar na sua defesa contra a onda que se avoluma e propaga no seio do povo, e que visa a atacá-la, tão desabridamente, que esses ataques passaram a envolver toda a classe política. Hoje se está falando dos políticos como se constituíssem um grupo específico de aproveitadores hedonistas e mal-intencionados. É indispensável determos-nos sobre este aspecto da atualidade nacional, pois ele envolve graves consequências. Começemos por lembrar que ação política corresponde exatamente à ação de governar as coletividades sociais e nacionais integradas no Estado. Se há Estado (e ele existe desde a antiguidade grega), há, necessariamente, Política. Na Grécia antiga o Estado era a cidade (....); e a Política era o governo da cidade. Em Roma, o Estado abarcou todo o mundo conhecido e o governo fez política, durante séculos, primeiro com os reis, depois com a república, depois com o império. Na Idade Média não havia política porque não haviam Estado nem propriamente comunidade social, senão que população escassa de senhores e servos disseminados em volta de castelos, em terras que não eram territórios. Com o Renascimento renasce o Estado, e com ele a política, a terrível “política” ditatorial, doutrinação por Maquiavel para os Médicis de Florença.

Srs. Constituintes, pensemos seriamente neste movimento, talvez não intencional, mas seguramente orquestrado, que visa a desmoralizar a classe política. Lembremos os brasileiros de boa-fé que política é exatamente governo, e que por detrás da campanha insidiosa que atinge milhões de brasileiros de boa fé pode haver a intenção de acabar não com a política, que não acaba nunca, nem pode acabar, mas acabar com as liberdades que estão garantidas na Constituição que elaboramos, como nunca estiveram garantidas em nenhuma outra. (Muito bem! Palmas.)

Derrubar a Constituição, executar os políticos, é derrubar a liberdade para entregar a política atual a outra “política”, isto é, a outro tipo de “governo” não declarado, que teria em mãos a sorte e o destino do povo, e com ele o próprio futuro da Pátria. O desprezo à política não é a sua supressão, pois ela se confunde com o governo. Que terá por detrás de tudo isso? Será que estamos ameaçados de outro tipo de “política”, ou seja, as ditaduras civis e militares, que tem sido a agonia secular da nossa República? Srs. Constituintes de hoje, Srs. Congressistas de amanhã, nosso dever é fazer política, isto é, defender e praticar a Constituição brasileira em vigor, acreditar nela, convocar a Nação para defender-lhe, se estiver em risco, reagir contra esses riscos disfarçados. Em suma, praticar e defender a liberdade. Fazer política é honrar nosso mandato, sustentar nosso trabalho, enobrecer a memória do nosso tempo. (Palmas prolongadas).”

O candidato deve analisar esses erros, numerando-os de 1 a 10, evitando-se a cópia integral do texto.

GABARITO

A questão vale 60 pontos

- 1º Erro (aprovaram)
- 2º Erro (povo)
- 3º Erro (determos-nos)
- 4º Erro (a)
- 5º Erro (havam)
- 6º Erro (os)
- 7º Erro (boa fé)
- 8º Erro (terá)
- 9º Erro (tem)
- 10º Erro (defender-lhe)